

BETO ROCHA



VAZIO
Para que o Eixo Monumental adquira sua feição definitiva, está faltando o Conjunto Cultural, um projeto antigo de Niemeyer

O sonho acabou?

□ O Conjunto Cultural que o ministro José Aparecido sonha construir entre o Circo e a Catedral é incerto como o futuro

Carlos Alberto Silva

José Aparecido de Oliveira ainda era o governador do Distrito Federal, quando sonhou construir, no Plano Piloto e bem a seu feitio, mais um monumento à cidade. Seria o Conjunto Cultural do Distrito Federal, que depois passou a ser da Capital Federal e acabou sendo Federal, mesmo.

Enquanto se resolvia que nome teria o Conjunto, o tempo foi passando, o mandato e a popularidade do então governador caindo, e a idéia ficou do jeito que estava. No papel. Melhor dizendo, no esboço. E melhor ainda: na cabeça de José Aparecido de Oliveira.

Sonho que se preza não desiste nunca. Feito ministro, José Aparecido continuou sonhando e articulando a construção do Conjunto Cultural, agora, definitivamente, Federal. Mas então, se melhor sucedido à frente do Ministério da Cultura, ele esbarrou em nova dificuldade. O Governo Sarney, como um todo, não lhe deu recursos nem respaldo para viabilizar imediatamente o sonho.

Mas o ministro conseguiu aprontar o projeto, que já está saindo do papel. As vésperas de sair do ministério, e de candidatar-se, talvez, ao governo de Minas Gerais, por uma frente partidária que não excluiria nem o PRN do futuro presidente, José Aparecido de Oliveira pode estar dando adeus ao Conjunto Cultural Federal ou não.

Aparecido — Mas a informação oficial é outra, e bate de frente com a que foi fornecida pelo funcionário. O ministro da Cultura, José Aparecido, desautorizou essa versão do assessor, a quem classificou de "palpiteiro".

"Quem deu essa informação não sabe o que diz. Até o fim do mês, Oscar Niemeyer entrega o detalhamento final do projeto, que vai juntar os prédios-sede da Bi-

blioteca Nacional, Arquivo Público Nacional e Museu da Terra. Pode ser até que Niemeyer nos entregue tudo isso antes".

Aparecido aparenta estar muito tranquilo quanto ao futuro. Para ele, nada do que possa acontecer, a partir de março, poderá mudar o que está decidido.

"Venha quem vier, aconteça o que acontecer, seja qual for o governador do Distrito Federal, ministro de Estado ou secretário, lá o que seja, ninguém será maluco o suficiente para alterar, ou jogar no fundo da gaveta, um projeto assinado por Oscar Niemeyer. Por mais irresponsável que essa pessoa seja".

O ministro assina embaixo naquilo que Lúcio Costa um dia disse, a respeito da identidade visual da Capital Federal: "A paisagem de Brasília é arquitetura de Oscar Niemeyer". Assina embaixo e faz cumprir.

"E não poderia ser de outro jeito. Com a construção do Conjunto Cultural Federal, ali, no local onde foi planejado, esta-

remos concluindo a feição definitiva do Eixo Monumental, preservando a sua unidade arquitetônica. E Brasília, preservada na unidade de sua arquitetura".

Um último aviso para quem aposta que, com a posse de Collor, tudo isso será preterido:

"Se não pelo respeito ao Patrimônio da Humanidade, do qual Brasília faz parte — ou mesmo pelo respeito que se deve a Oscar Niemeyer — os aventureiros não de pôr a viola no saco, quando esbarrarem no aspecto econômico, que todos respeitam. A Fundação Banco do Brasil — o investiu afinal — alto no projeto, e investimento feito não tem volta, tem que ir em frente. Pelo bem de Brasília e do Brasil. Quero ver quem vai mexer nisso".

Certeza relativa — Fernando Andrade trabalha no espaço Cultural Niemeyer, de onde coordena o projeto do Conjunto Cultural Federal, mais especificamente na organização do Arquivo Nacional. Fernando faz, a quatro mãos com Os-

car Niemeyer, no Rio, o detalhamento final, que ficará pronto em breve. Homem da confiança do ministro Aparecido, Fernando faz coro às esperanças dele, de que o Conjunto Cultural sairá do papel para a realidade do cimento. Só que a certeza de Fernando não é tão definitiva assim:

"Garantir, não posso. Mas é bom lembrar que este projeto é oficial, foi votado e aprovado. Além do mais, o aproveitamento arquitetônico daquela área já estava previsto no plano original do doutor Lúcio Costa. Nossa missão é deixar pronto o detalhamento técnico, para que as obras possam ser deflagradas tão logo o Governo delibere. Mas a execução, imediata ou não, ficará para o próximo Governo, dentro das prioridades dele. E prioridade é uma coisa relativa, pessoal, cada um tem a sua..."

O fato é que, legalmente, o Governo Collor não teria como cancelar esse projeto. Mas, de repente, Collor pode inventar um outro projeto, e em outro arquiteto que não Oscar Niemeyer. Fernando Andrade não crê que isso possa acontecer. E recorre à história recente, para se justificar:

"Durante o governo militar, mandaram construir o mastro da bandeira sem consultar o Niemeyer, que, na época, era *persona non grata* para o regime. E aí deu no que deu: uma aberração que nada tem a ver com a identidade arquitetônica de Brasília. Acredito que o futuro presidente, ou qualquer outra pessoa de bom senso, não desejaria incorrer no mesmo erro. Arquitetura é vida, e com a vida não se brinca".

Não fala — O arquiteto Oscar Niemeyer prefere não falar sobre o projeto. Diz que, em dez dias, ele entrega o texto e pronto. Estranho como os mitos ficam monolíticos, com o tempo, mas eles têm todo o direito. Adquirido, aliás.

"A idéia é deixar o projeto pronto. Construir já não será da nossa responsabilidade. Fica para o próximo, ou para os próximos governos, como e quando quiserem construir. Pode ser daqui a 15, dez, cinco, dois anos. Ou pode ser no mês que vem. Daí, eu acho desnecessário falar em custos. E, quanto ao projeto em si, prefiro esperar até que ele fique pronto".

E os sonhadores resistem

A Cultura Brasileira, se pouco respeitada enquanto ação e manifestação populares, tem sido a motivação maior, enquanto monumento para a imaginação de sonhadores com o mandato.

Desde 1987 que o senador Aureo Mello (PMDB-AM) famoso pela capacidade de fazer discursos em verso, volta sempre com sua idéia da construção em Brasília, do palácio da Cultura.

Tantas vezes tentou, e sempre nos mesmos tons e data, que a coisa quase já virou folclore. Principalmente depois que o candidato derrotado à Presidência da República, Afonso Camargo (PTB-PR), conseguiu embargar a construção de mais um anexo para o Senado.

Ainda assim, o senador persiste com o seu Palácio da Cultura. Insiste e não desiste. Aureo Mello desconhece os detratores da idéia, quando dizem que ele tem mania de grandeza, ou até mesmo de legislar em causa própria. O senador se diz surdo aos detratores de plantão.

"Não soube de qualquer crítica a respeito. Até porque fui eu próprio quem se levantou contra uma provável grandiloquência faraônica do projeto. Que é

muito simples: a construção de uma sede global para as inúmeras associações culturais particulares que vivem à mingua, sem um local para funcionar. A idéia é a de um prédio funcional e prático, onde esse pessoal pudesse ficar, desenvolvendo ainda mais a vida cultural da cidade. Nada mais do que isso, e nada que não possa ser feito".

Pai extremado da idéia, para a qual já conseguiu canalizar verba específica, via comissão do Distrito Federal, o senador Aureo Mello trabalha pelo Palácio da Cultura mesmo estando de recesso. E leva a maior fé que, desta vez, o palácio vai sair do papel.

"O principal é que a minha emenda foi aprovada, e dentro do espírito que a norteou. No meio desse percurso, tive, mesmo que descartar sugestões até bem intencionadas, mas distantes da minha intenção, como a da secretária de Cultura, que sugeriu fosse o Palácio absorvido pela revitalização do centro cultural da 508 Sul. Tão logo acabe o recesso, os técnicos já terão seu estudo concluído, e partiremos para os trâmites finais".